

O MESTRE DO THRILLER

M. J. ARLIDGE

Autor bestseller do *Sunday Times*

UM,
DO,
LI,
TÁ

Um vive e um morre.
Não há outra sorte.



1

O Sam está a dormir. Podia matá-lo agora. Está de costas voltadas para mim, não seria difícil. Se me mexesse, será que ele se agitaria? Tentaria deter-me? Ou sentir-se-ia apenas satisfeito com o fim deste pesadelo?

Não consigo pensar nesses termos. Tenho de tentar recordar o que é real, o que é bom. Mas, quando se está preso, os dias parecem intermináveis e a esperança é a primeira a morrer.

Esgoto a minha mente à procura de memórias felizes para afastar os pensamentos sombrios, mas são cada vez mais difíceis de encontrar.

Só aqui estamos há dez dias (ou serão 11?), e ainda assim a vida normal já me parece uma recordação distante. Estávamos a tentar arranjar boleia para regressarmos de um concerto em Londres quando tudo aconteceu.

Chovia torrencialmente, e tinha passado uma série de carros que nem sequer abrandaram. Estávamos ensopados até aos ossos e prestes a desistir, quando finalmente parou uma carrinha. Lá dentro estava quente e seco. Ofereceram-nos café de um termo. Só o cheiro bastou para nos animar. O sabor era ainda melhor. Não percebemos que seria o nosso derradeiro sabor a liberdade.

Quando despertei, tinha a cabeça a latejar e sangue a cobrir-me a boca. Já não me encontrava na carrinha acolhedora, mas sim num local frio e escuro. Estaria a sonhar? Assustei-me com um ruído atrás de mim. Mas era só o Sam a levantar-se tropegamente.

Tínhamos sido assaltados. Assaltados e abandonados. Arrastei-me para a frente, arranhando as paredes que nos enclausuravam. Azulejo frio e duro. Fui de encontro ao Sam e, por breves momentos, agarrei-o, inspirando aquele cheiro que tanto adoro. Depois o momento passou, e apercebemo-nos do horror da nossa situação.

Estávamos numa piscina de saltos abandonada. Degradada, mal estimada, tinham-lhe retirado as pranchas, os letreiros e até as escadas. Tudo o que podia ser aproveitado, fora-o. Só ficara um profundo tanque liso do qual era impossível sair.

Estaria aquela cabra demoníaca a ouvir os nossos gritos? Provavelmente. Pois, quando finalmente parámos, aquilo aconteceu. Ouvimos um telemóvel a tocar e, por um breve e glorioso momento, pensámos que se trataria de alguém que viria resgatar-nos. Mas então vimos a parte da frente do telefone voltada para nós a brilhar, no fundo da piscina ao nosso lado. O Sam não se mexeu, por isso fui a correr. Porquê eu? Porque é que tenho de ser sempre eu?

— Olá, Amy.

A voz do outro lado parecia distorcida, desumana. Eu queria pedir misericórdia, explicar que se tratava de um erro terrível, mas o facto de saberem o meu nome pareceu furtar-me toda a convicção. Não disse nada, por isso a voz prosseguiu, implacável e fria:

— Queres viver?

— Quem são vocês? O que é que nos...

— Queres viver?

Por momentos, senti-me incapaz de responder. A minha língua não se moveu. Mas depois:

— Sim.

— No chão, junto ao telefone, vais encontrar uma arma. Tem uma bala. Para o Sam ou para ti. É o preço da tua liberdade. Tens de matar para viver. Queres viver, Amy?

Não consegui falar. Apeteceu-me vomitar.

— Então, queres?

E a chamada desligou-se. Foi então que o Sam perguntou:

— O que é que disseram?

O Sam está a dormir ao meu lado. Posso fazê-lo agora.

2

A mulher gritou de dor. E depois deu-se o silêncio. Nas costas dela formavam-se linhas arroxeadas. Jake ergueu de novo o cabo do chicote e, com um estalido, lançou-o mais uma vez para baixo. A mulher curvou-se, gritou e pediu:

— Outra vez.

Raramente dizia outra coisa. Não era do tipo falador. Ao contrário do que acontecia com algumas das clientes dele. As gerentes, contabilistas e funcionárias presas a relações sem sexo estavam sempre desesperadas por conversar — desesperadas por caírem no goto do homem a quem pagavam para lhes bater. Ela era diferente: um livro fechado. Nunca mencionou como o descobrira. Ou o que a levava a aparecer. Divulgou as suas instruções — as suas necessidades — com clareza e agressividade e depois pediu-lhe que avançasse.

Começavam sempre por lhe prender os pulsos. Duas tiras de couro tachonadas bem apertadas, para que os braços ficassem presos à parede. Grilhetas de ferro nos tornozelos prendiam-lhe os pés ao chão. As peças de roupa seriam cuidadosamente pousadas na cadeira ali presente, e então ali estava ela de pé, acorrentada, em roupa interior, à espera do castigo.

Não houve lugar a encenações. Nada de «por favor, não me magoe, paizinho» ou «sou uma rapariga muito, muito marota». Limitou-se a querer que ele a magoasse. De certa forma, foi um alívio. Ao fim de algum tempo, qualquer trabalho se tornava uma rotina, e às vezes era agradável não ter de alinhar nas fantasias de

vítimas infelizes que gostam de imitar alguém. Ao mesmo tempo, era frustrante a recusa dela em assumir um relacionamento adequado com ele. O elemento mais importante de qualquer relação SM é a confiança. Os submissos têm de saber que estão em segurança, que o dominador lhes conhece a personalidade e necessidades e que ele consegue oferecer-lhes uma experiência satisfatória, confortável para ambos os lados. Se não se tem isso, então rapidamente se transforma em agressão ou até abuso — e essa não era, definitivamente, a onda de Jake.

Portanto, ele foi avançando passo a passo: uma pergunta estranha aqui, um comentário estranho ali. E, com o passar do tempo, percebeu o essencial: ela não era efetivamente de Southampton, não tinha família e aproximava-se dos 40 sem que isso a incomodasse. Ele também percebeu através das sessões que tiveram juntos que a dor era a cena dela. O sexo não entrava na equação. Não queria ser provocada ou excitada. Queria ser castigada. As sovas nunca foram longe de mais, mas eram duras e contínuas. Ela tinha corpo para aguentar — era alta, musculada e tonificada —, e os vestígios de antigas cicatrizes sugeriam que não era nova na cena do SM.

Ainda assim, e apesar de tanto a ter sondado, de todas as perguntas muito bem formuladas, havia apenas uma coisa de que Jake tinha a certeza. Uma vez, quando ela estava a vestir-se, um cartão de identidade com foto deslizou para fora do bolso do casaco e caiu ao chão. Ela apanhou-o num ápice; achou que ele não tinha visto, mas vira. Ele achava que conhecia relativamente bem as pessoas, mas esta apanhara-o de surpresa. Se não tivesse visto a identidade dela, nunca teria adivinhado que era agente da polícia.

3

Amy está agachada perto de mim. Agora já não há embaraços, e ela urina no chão sem qualquer vergonha. Observo enquanto o fino fio brilhante de urina embate na tijoleira, pequenas gotas a saltar até lhe atingirem as cuecas sujas. Há umas semanas, teria desviado o olhar, mas agora não.

A urina dela serpenteia lentamente pela inclinação, até se juntar à poça estagnada de detritos que foi crescendo na extremidade mais baixa. Estou fixado na sua progressão, até que finalmente desaparecem as derradeiras gotas e acaba o entretenimento. Ela regressou ao seu canto. Não há desculpas nem reconhecimento. Transformámo-nos em animais, sem querermos saber de nós, nem um do outro.

Nem sempre foi assim. No início, ficámos furiosos e mostrámo-nos desafiadores. Estávamos determinados a não morrer aqui. Juntos, sobreviveríamos. A Amy subiu aos meus ombros, partindo as unhas ao tentar agarrar-se aos azulejos, e esticou-se para chegar ao rebordo da piscina. Quando não resultou, tentou saltar a partir dos meus ombros. Mas a piscina tem uma profundidade de quase cinco metros, talvez mais, e a salvação pareceu eternamente inatingível.

Experimentámos o telefone, mas estava bloqueado por um código PIN e, depois de termos tentado umas quantas combinações, acabou por ficar sem bateria. Gritámos e berrámos até ficarmos com a garganta arranhada. Em resposta, escutámos apenas o nosso eco, a troçar de nós. Às vezes, até parece que estamos noutra

planeta, sem qualquer outro ser humano num raio de quilômetros à nossa volta. O Natal aproxima-se, deve andar gente à nossa procura, mas é difícil crer nisso, aqui, envolvidos neste silêncio terrível e inesgotável.

Fugir não é opção, por isso agora limitamo-nos a sobreviver. Roemos as unhas até os dedos sangrarem e depois sugámos avidamente o sangue. Lambemos a condensação dos azulejos ao amanhecer, mas os nossos estômagos continuavam a doer. Falámos em comer a nossa roupa... mas depois pensámos melhor no assunto. À noite está um frio de rachar, e a única coisa que nos impede de morrer de hipotermia são as nossas escassas peças de roupa e o calor que vamos buscar um ao outro.

É imaginação minha, ou os nossos abraços estão cada vez menos calorosos? Menos confiantes? Desde que aconteceu, agarramo-nos dia e noite um ao outro, esperando que ambos possamos sobreviver, desesperados para não sermos deixados sozinhos neste lugar horrível. Para passar o tempo, jogamos alguns jogos, imaginando o que faremos depois de chegar a cavalaria: o que comeremos, o que diremos às nossas famílias, o que iremos receber no Natal. Mas, aos poucos, esses jogos vão sendo abandonados conforme nos apercebemos de que fomos trazidos para aqui com um propósito, sem direito a um final feliz.

— Amy?

Silêncio.

— Amy, por favor, diz qualquer coisa.

Ela não olha para mim. Não fala comigo. Será que a perdi de vez? Tento imaginar o que estará a pensar, mas não consigo.

Talvez não haja mais nada a dizer. Tentámos tudo, explorámos todos os milímetros da nossa prisão, à procura de formas de escapar. A única coisa em que não tocámos foi a pistola. Continua ali pousada, a chamar por nós.

Ergo a cabeça e apanho a Amy a olhar para ela. Os nossos olhares cruzam-se, até ela desviar os olhos. Seria ela capaz de lhe pegar? Há 15 dias, eu teria dito que isso era completamente impossível. Mas agora? A confiança é algo muito frágil: difícil de conquistar, fácil de perder. Já não tenho a certeza de nada.

Sei apenas que um de nós vai morrer.

4

Ao sair para o ar fresco da noite, Helen Grace sentiu-se relaxada e feliz. Abrandando o ritmo, saboreou aquele momento de paz, lançando um olhar divertido para a multidão de pessoas a fazer compras que a rodeava.

Ia para o mercado de Natal de Southampton. Alinhado ao longo do flanco sul do centro comercial WestQuay, o mercado era um evento anual, uma oportunidade de comprar presentes originais feitos à mão que não figuram em qualquer lista de desejos da Amazon. Helen odiava o Natal, mas todos os anos, sem falta, comprava algo para Anna e Marie. Era o único prazer festivo de que não abdicava, e aproveitava sempre ao máximo o momento. Comprava joias, velas aromatizadas e outras bugigangas, mas também não poupava nos comestíveis, deitando a mão a tâmaras, chocolates e pudim de Natal obscenamente caro e a um belo embrulho de pastilhas de creme de hortelã, de que Marie gostava particularmente.

Foi buscar a sua *Kawasaki* ao parque de estacionamento do WestQuay e saiu disparada por entre o trânsito do centro da cidade, dirigindo-se para sudeste, rumo a Weston. Acelerou para longe da animação e da abundância, rumo à miséria e ao desespero, puxada inexoravelmente pelas cinco torres monolíticas que ali dominavam a linha do horizonte. Durante anos, saudaram aqueles que chegavam por mar a Southampton e, no passado, bem mereceram tal honra, dado que eram imponentes, futuristas e otimistas. Mas atualmente a história era bem diferente.

A Torre Melbourne era, de longe, a mais dilapidada. Há quatro anos, uma fábrica ilegal de droga explodira no 6.º andar. Houve muitos danos, que arrancaram o coração do edifício. A Câmara prometeu a reconstrução, mas a recessão pôs de parte tais planos. Tecnicamente, a renovação ainda estava agendada, mas já ninguém acreditava que isso sucedesse. Por isso, o prédio permaneceu tal como estava, ferido e mal-amado, abandonado pela maioria das famílias que lá costumavam viver. Era agora território de drogados, de ocupantes ilegais e daqueles que já não tinham para onde ir. Era um lugar sórdido e esquecido.

Helen estacionou a sua moto a uma distância segura das torres e prosseguiu a pé. Por norma, à noite as mulheres não percorriam sozinhas a propriedade, mas Helen nunca temeu pela sua segurança. Era conhecida na zona, e as pessoas mantinham-se afastadas, o que calhava bem. Naquela noite estava tudo calmo, à parte uns quantos cães a farejar em volta de um carro calcinado, pelo que Helen abriu caminho por entre as seringas e os preservativos e entrou na Torre Melbourne.

No 4.º andar, parou em frente ao apartamento 408. Em tempos, fora uma agradável e confortável casa camarária, mas agora parecia o Fort Knox. A porta da frente estava pejada de cadeados, mas o mais espantoso eram as grades de metal, muito bem fechadas com aloquetes, que reforçavam a entrada principal. Os *graffiti* abjetos («anormal», «atrasada», «mongoloide») que revestiam o exterior permitiam perceber por que razão o apartamento se encontrava tão protegido.

Era a casa de Marie e Anna Storey. Anna tinha uma deficiência profunda e era incapaz de falar, de se alimentar sozinha ou de ir à casa de banho. Anna, agora com 14 anos, necessitava que a sua mãe de meia-idade fizesse tudo por ela, pelo que Marie fazia o melhor que podia. Viviam da caridade e de subsídios, compravam comida no Lidl, poupavam no aquecimento. Teriam vivido bem com isso — eram as cartas que tinham sido lançadas, e Marie não era pessoa de amarguras — se não fosse pelos vândalos da zona. O facto de não terem o que fazer e de virem de lares destruídos não era desculpa. Aqueles rapazes não passavam de rufias maldosos que gostavam de rebaixar, atormentar e atacar uma mulher e uma criança vulneráveis.

Helen sabia de tudo isso porque desenvolvera um interesse especial por eles. Um dos inúteis, um marginal violento com a cara coberta de acne chamado Steven Green, tentara incendiar o apartamento delas. Os bombeiros chegaram a tempo, e os danos ficaram limitados ao corredor e à sala da frente, mas o efeito em Marie e Anna revelara-se devastador. Estavam completamente aterrorizadas quando Helen as interrogou. Fora uma tentativa de homicídio, e alguém teria de ser responsabilizado. Ela deu o seu melhor, mas o caso nunca foi a julgamento por não haver testemunhas. Helen incitou-a a mudar-se, mas Marie foi teimosa. O apartamento era o lar da sua família e fora especialmente adaptado para lidar com as limitações motoras de Anna — porque haveriam elas de ter de se mudar? Marie vendeu os bens de valor que ainda lhe restavam para reforçar a segurança do apartamento. Quatro anos mais tarde, a fábrica de droga explodiu. Antes disso, o elevador funcionava bem e o apartamento 408 era basicamente um lar feliz. Agora era uma prisão.

Os Serviços Sociais deveriam aparecer regularmente, para se inteirarem do estado delas, mas evitavam aquele local como se fosse a peste e as visitas eram, no mínimo, fugazes. Portanto, Helen, que tinha pouco que a mantivesse em casa à noite, apreciava para as visitar. Daí a sua presença quando Steven Green e companhia regressaram para acabar o trabalho. Como de costume, ele estava pedrado e tinha na mão uma lata de gasolina que tentava acender com uma mecha caseira. Não teve oportunidade para isso. O cassetete de Helen apanhou-o no cotovelo e depois no pescoço, deixando-o estendido no chão. Os outros foram apanhados desprevenidos pela aparição súbita de uma agente da polícia e largaram as bombas de combustível para fugir. Alguns conseguiram-no, outros não. Helen fora bem treinada para apanhar as pernas de suspeitos em fuga. Contrariou o ataque e pouco depois teve o distinto prazer de ver Steven Green e três dos seus melhores amigos a levarem com uma pesada pena de prisão. Havia dias em que o trabalho era mesmo compensador.

Helen suprimiu um tremor. Os corredores sombrios, as vidas desfeitas, os *graffiti* e a imundície eram demasiado sugestivos da sua própria infância para não provocarem uma reação. Avivavam

memórias que se esforçara arduamente por reprimir e que voltou a ser obrigada a afastar. Estava ali por Marie e Anna — recusou-se a permitir que algo lhe ensombrasse o espírito.

Bateu três vezes, o código especial delas, e depois de muitos cadeados destrancados a porta abriu-se.

— Precisa de comida?

— Vá-se lixar — ouviu-se lá de dentro como seria de esperar.

Helen sorriu quando Marie abriu a grade exterior para que ela entrasse. Os pensamentos sombrios já estavam a desaparecer: as «calorosas» boas-vindas surtiam sempre esse efeito. Já lá dentro, Helen distribuiu as prendas, recebeu as suas e sentiu-se envolvida por uma paz profunda. Por um breve momento, o apartamento 408 tornou-se o seu santuário num mundo sombrio e violento.

5

A chuva caiu desalmadamente, limpando-lhe as lágrimas. Deveria ter sido purificador, mas não foi — estava muito longe de lá chegar. Precipitou-se loucamente sobre a folhagem intrincada do bosque, sem prestar atenção à direção. Precisava apenas de continuar a avançar. Sempre. Sempre. Sempre.

Sentiu picos a arranharem-lhe o rosto e pedras a lacerarem-lhe os pés. Mas seguiu em frente. Com o olhar, procurou desesperadamente alguém, algo, mas só viu árvores. Por momentos, foi assoberbada por um pensamento terrível: ainda estaria sequer em Inglaterra? Gritou por ajuda, mas os gritos dela eram débeis; tinha a garganta demasiado arranhada para conseguir melhor.

No País das Maravilhas de Inverno de Sampson, as famílias formavam pacientemente fila para a Gruta do Natal. O local era, na verdade, um punhado de toldos levantados à pressa sobre terra de cultivo enlameada, mas as crianças pareciam adorar. Freddie Williams, pai de quatro, acabara de trincar o seu primeiro pastel de carne e frutos da época quando a viu. Por entre a chuva copiosa, ela apareceu como uma assombração. O pastel de Freddie ficou parado a meio caminho quando ela coxeou lenta mas persistentemente pelo local, de olhos fixos nele. Após uma observação mais atenta, verificou que não era fantasmagórica, só dava pena: enlameada, a sangrar e pálida como um cadáver. Freddie não queria contacto com ela — parecia louca —, mas as pernas dele não se moveram, permaneceram imóveis face àquele olhar feroz. Ela percorreu os derradeiros metros mais depressa do que ele

esperara, e de repente ele estava a recuar quando ela se atirou a si. O pastel dele deu uma cambalhota no ar e aterrou com um chapeu numa poça.

Na esquadra local, embrulhada numa manta, não pareceu menos louca. Ela não lhes revelaria de onde vinha nem de onde era. Parecia nem sequer saber que dia era. Na verdade, a única coisa que lhe conseguiram arrancar foi que se chamava Amy e que naquela manhã assassinara o namorado.

Helen pisou o travão e deteve-se no exterior da Esquadra Central da Polícia de Southampton. O edifício futurista de vidro e calcário impunha-se diante dela, sobressaindo de forma impressionante sobre a cidade e as docas. Tinha apenas um ano ou dois e era, de todos os pontos de vista, impressionante. Celas do melhor que havia, uma unidade do Serviço de Acusação da Coroa, equipamento para teste de SmartWater¹, tinha tudo o que era necessário num moderno edifício da polícia. Ela estacionou e entrou no prédio.

— A dormir em serviço, Jerry?

O sargento de serviço ao balcão despertou do seu sonho acordado e tentou mostrar um ar atarefado. Sentavam-se sempre um pouco mais direitos quando Helen entrava. Não se devia apenas ao facto de ela ser inspetora-detetive; tinha também algo que ver com a postura dela. Entrando no edifício com o seu equipamento *motard* de couro, ela era um metro e oitenta de ambição e vigor. Nunca chegava tarde, nunca estava ressecada, nunca adoecia. Vivia e respirava trabalho com uma ferocidade que eles só podiam imaginar.

Helen dirigiu-se de imediato aos gabinetes da Equipa de Incidentes Graves. O edifício-bandeira de Southampton podia ser revolucionário, mas a cidade que vigiava permanecia inalterada. Ao estudar os casos em aberto, curvou-se um pouco diante da familiaridade de tudo aquilo. Uma discussão doméstica que acabou em homicídio: duas vidas arruinadas e uma criança levada

¹ Trata-se de um sistema aplicado a artigos de valor para prevenção de roubos; consiste num líquido invisível e inofensivo que deixa um identificador de longa duração apenas visível com raios ultravioleta. [N. T.]

pela Segurança Social. A tentativa de assassínio de um adepto dos Saints por parte de seguidores do Leeds United de passagem pela cidade. E mais recentemente o brutal assassínio de um homem de 82 anos num assalto com agressão que correu mal. O agressor deixou cair a carteira roubada ao fugir do local, deixando à polícia uma impressão digital nítida e uma rápida identificação. O criminoso era bem conhecido da polícia de Southampton: mais um marginal que arrasou uma família apanhada desprevenida em vésperas do Natal. Helen iria reunir-se naquela manhã com o Serviço de Acusação da Coroa para analisar os pormenores. Abriu o dossiê e percebeu que o caso contra aquele pequeno rufia deveria ser completamente irrefutável.

— Não te ponhas muito à vontade. Temos um caso.

Mark Fuller, detetive-superintendente, aproximou-se. Polícia atraente e talentoso, Mark trabalhara bem de perto com Helen nos últimos cinco anos. Homicídios, raptos de crianças, violações, tráfico sexual — ajudara-a a resolver inúmeros casos desagradáveis, e ela começara a apoiar-se na dedicação, intuição e coragem dele. No entanto, um divórcio complicado deixara as suas marcas, e ultimamente tornara-se imprevisível e falível. Helen ficou pesada ao constatar que, mais uma vez, ele cheirava a álcool.

— Uma jovem diz que matou o namorado.

Mark retirou uma fotografia da pasta e passou-a a Helen. Tinha o conhecido selo «Desaparecidos» no canto superior direito.

— O nome da vítima é Sam Fisher.

Helen olhou para baixo para o instantâneo de um homem bastante jovem. Aprumado, com um ar otimista, com um toque até de alguma ingenuidade. Mark deteve-se por alguns momentos, permitindo a Helen que examinasse a fotografia, antes de lhe entregar outra.

— E a nossa suspeita. Amy Anderson.

Ao pegar na imagem, Helen não conseguiu disfarçar a surpresa. Uma bela rapariga de ar boémio, de 21 anos, no máximo. Com um cabelo comprido esvoaçante, espantosos olhos cor de cobalto e lábios delicados, era a definição perfeita de juventude e inocência. Helen pegou no casaco.

— Então, vamos lá.

— Conduzes tu ou...

— Eu conduzo.

Desceram até ao parque em silêncio. Pelo caminho, Helen foi buscar a sua agente estagiária, que andava a trabalhar em casos de desaparecidos. A irreprensivelmente ativa Charlene Brooks, também conhecida como Charlie, era uma boa agente, diligente e intrépida, que se recusava liminarmente a vestir-se como uma polícia. Naquele dia vestia calças justas de couro. Não era da responsabilidade de Helen preocupar-se com o modo de vestir dela, mas, ainda assim, sentiu-se tentada.

No carro, o álcool bafiento no hálito de Mark revelou-se ainda mais intenso. Helen olhou-o de soslaio antes de abrir a janela.

— E então, o que é que temos? — perguntou ela.

Charlie já tinha a pasta aberta.

— Amy Anderson. Dada como desaparecida há pouco mais de duas semanas. Vista pela última vez num concerto em Londres. Enviou um e-mail à mãe na noite de 2 de dezembro a dizer que ia de boleia para casa com o Sam e que regressaria antes da meia-noite. Desde então, não houve mais sinais dela. A mãe dela telefonou-nos.

— E depois?

— Ela apareceu hoje de manhã em Sampson. Diz que matou o namorado e depois bloqueia. Não disse mais nada a ninguém.

— E onde é que ela esteve este tempo todo?

Mark e Charlie entreolharam-se, antes de ele acabar por responder.

— Foi exatamente essa a minha pergunta.

Estacionaram o carro no parque do País das Maravilhas de Inverno e dirigiram-se à esquadra local. Ao entrar no desgastado contentor que servia de instalações, Helen ficou chocada com o que viu. A jovem encolhida sob uma manta puída parecia selvagem, perturbada e dolorosamente magra.

— Olá, Amy. Sou a inspetora-detetive Helen Grace. Podes chamar-me Helen. Posso sentar-me?

Não respondeu. Helen instalou-se cuidadosamente na cadeira em frente.

— Gostava de falar contigo por causa do Sam. Pode ser?

A rapariga olhou para cima, com uma expressão horrorizada a espalhar-se pelas suas feições arrasadas. Helen observou-lhe atentamente o rosto, comparando-o mentalmente com a foto que vira antes. Se não fosse pelos penetrantes olhos azuis e a cicatriz antiga no queixo, teriam tido dificuldade em identificá-la. O seu cabelo, em tempos lustroso, estava escorrido, cheio de nós e gorduroso. As unhas estavam sujas. O rosto, os braços e as pernas sugeriam um frenesi de autopunição. E depois havia o cheiro. Era aquele tipo de cheiro que se impõe a tudo o resto. Adocicado. Pun-gente. Revoltante.

— Preciso de encontrar o Sam. Podes dizer-me onde está?

Amy cerrou os olhos. Uma lágrima solitária escapou-se do con-finamento a que estava sujeita e desceu-lhe pela face.

— Onde é que ele está, Amy?

Após um demorado silêncio, ela por fim sussurrou:

— No bosque.

Amy recusou-se categoricamente a deixar o abrigo do conten-tor, por isso Helen teve de recorrer ao cão. Deixou Charlie a fazer companhia a Amy, levando Mark consigo. *Simpson*, o *retriever*, en-fiou o nariz nos trapos ensanguentados que em tempos foram a roupa de Amy e depois saiu disparado pelo bosque.

Não foi difícil perceber onde ela estivera. O avanço pelo bos-que fora de tal modo às cegas, tão aparatoso, que deixara grandes buracos no matagal espesso. O caminho por ela percorrido estava decorado com pedaços de roupa e de pele. *Simpson* cheirou-os, saltando para o meio da folhagem. Helen acompanhou o ritmo dele, e Mark mostrou-se determinado a não ser deixado para trás por uma mulher. Mas arfava e transpirava álcool.

O edifício isolado apareceu à vista. Umhas piscinas públicas mu-nicipais, com a demolição já há muito prometida, uma triste relíquia dos tempos de diversão há muito idos. *Simpson* arranhou a porta fechada a cadeado e depois afastou-se, correndo em redor do edifício antes de se deter junto a uma janela partida. Sangue fresco orna-mentava as vidraças partidas. Tinham encontrado o casulo de Amy.

Foi difícil lá entrarem. Apesar da deterioração da construção, tinha havido cuidados para evitar que alguém entrasse ou saísse

do local. Mas para que servia aquela proteção? Não vivia ninguém nas redondezas. Acabaram por forçar o cadeado, e iniciou-se o habitual bailado de pés enfiados em revestimentos esterilizados a deslizar pelo chão.

E ali estava ele. Uns cinco metros abaixo deles, na piscina de saltos. Deu-se uma pequena espera enquanto procuraram uma escada comprida, e depois Helen desceu para o fundo da piscina, ficando cara a cara com o Sam de Amy. Era um rapaz atinado, contratado por uma firma de advogados, mas não se perceberia isso ao olhar para ele. Parecia o cadáver de um qualquer sem-abrigo que se encontraria nas ruas. Tinha a roupa manchada com urina e excrementos, e as unhas estaladas e sujas. E o rosto. O rosto magro estava contorcido num esgar horrendo; medo, sofrimento e horror estampados nas suas feições retorcidas. Em vida, fora belo e um vencedor. Na morte, era repugnante.

6

Alguma vez deixariam de a torturar?
Amy achou que estaria a salvo no Hospital Central de Southampton. Que seria deixada a sós para sarar e fazer o luto. Mas estavam determinados em atormentá-la. Recusaram-se a permitir que ela comesse ou bebesse, apesar de lhes ter implorado. Tinha a língua inchada e o estômago demasiado contraído, alegaram, e os intestinos poderiam rasgar-se se por lá circulassem sólidos. Por isso, ligaram-na a um tubo de soro. Talvez fosse a atitude correta, mas não era o que ela desejara. Quando é que alguma vez eles estiveram duas semanas sem ver comida? O que sabiam eles?

Também tinha um tubo a pingar morfina, o que ajudou um pouco, embora tivessem sido extremamente cuidadosos para não ser em excesso. Ela controlava a morfina com a mão esquerda, pressionando o botão quando a dor se revelava excessiva. A mão direita estava algemada à cama. As enfermeiras adoravam aquilo como o raio, especulando bem alto sobre o que ela teria feito. Teria matado o seu bebé? Teria matado o marido? Estavam mesmo a divertir-se.

E então, pobre coitada, permitiram que a mãe dela entrasse. Amy ficou agressiva, gritando e berrando até a sua desconcertada mãe ter de se retirar por ordem do médico. Em que merda é que eles estavam a pensar? Não podia ver a mãe, para já não. Não naquele estado.

Ela só queria que a deixassem sozinha. Concentrar-se-ia ferozmente nas coisas à sua volta, a fitar o intrincado entrançado de

algodão da fronha da almofada, especada durante horas a fio a olhar para o filamento hipnótico e brilhante da lâmpada da mesinha de cabeceira. Daquela forma, poderia alhear-se de tudo, manter os pensamentos ao largo. E, quando do nada surgia uma imagem de Sam, pressionava o botão da morfina e por momentos afastava-se para um lugar mais feliz.

Mas ela sabia bem lá no fundo do seu coração que não seria deixada em paz por muito tempo. Os demónios estavam a cercá-la, arrastando-a de novo para o sofrimento atroz que deixara para trás. Conseguia ver os polícias no exterior, à espera de entrar para interrogá-la. Não perceberam que ela não queria responder àquelas perguntas? Não sofrera já o suficiente?

— Diga-lhes que não posso recebê-los.

A enfermeira, que estava ocupada a analisar o relatório dela, olhou para cima.

— Diga-lhes que estou com febre — prosseguiu Amy —, que estou a dormir...

— Querida, não posso impedi-los — replicou a enfermeira num tom calmo. — É melhor pôr fim a isto, não?

O sofrimento dela não tinha fim. Amy estava perfeitamente ciente disso. Matara o homem que amava, e não havia como dar a volta a isso.

7

— **E**xplicas-me como é que saíste da piscina, Amy?
— Uma escada.
— Não vi lá nenhuma escada.

Amy mostrou um olhar carrancudo e virou a cara. Puxando os cobertores do hospital até ao queixo, mais uma vez recolheu-se dentro de si própria. Helen observou-a, intrigada. Se estava a mentir, era uma excelente atriz. Lançou um olhar a Mark e prosseguiu:

— Que tipo de escada era?

— Uma escada de corda. Foi atirada para baixo logo depois de eu...

As lágrimas apoderaram-se dos olhos de Amy, que deixou descair a cabeça até ao peito. Havia umas leves queimaduras nas palmas das mãos de Amy. Consistentes, talvez, com alguém que suba atabalhoadamente uma escada de corda? Helen esbofeteou-se mentalmente: por que razão estaria ela sequer a considerar essa possibilidade? A história de Amy não fazia sentido. Segundo ela, foram recolhidos numa autoestrada, drogados, raptados e depois deixados a passar fome — até serem obrigados a matar. Porque é que alguém faria isso? Até ver, Amy e Sam eram dois bons miúdos, mas a resposta para aquele crime horrível teria de estar algures no seio das vidas deles.

— Fala-me da tua relação com o Sam.

Ao ouvir aquilo, Amy desatou a soluçar.

— Talvez seja uma boa altura para uma pausa, inspetora-detetive. — A mãe de Amy insistira na presença de um procurador.

— Ainda não terminámos — atirou Helen.

— Mas já percebeu que ela está exausta. Certamente que pode...

— A única coisa que eu vejo é um rapaz morto chamado Sam Fisher. Que foi atingido a tiro pelas costas. Bem de perto. Pela sua cliente.

— A minha cliente não nega que puxou o gati...

— Mas não nos explica porquê.

— Já vos disse porquê — reagiu de imediato Amy.

— Sim, e é uma grande história. Mas não faz qualquer sentido.

Helen deixou que as suas palavras pairassem no ar. Sem que fosse preciso dizer-lhe algo, Mark aproveitou a deixa para pressionar ainda mais.

— Ninguém te viu. Nem à carrinha. Os camionistas não viram nada. Nem a brigada de trânsito. Os outros miúdos que pediram boleia nessa estrada também não viram nada. Por isso, porque é que não te deixas de tretas e nos dizes o que te levou a matar o teu namorado? Ele bateu-te? Ameaçou-te? Porque é que ele te levou para aquele lugar horrível?

Amy nada disse, recusando-se sequer a olhar para cima. Era como se Mark nem tivesse falado. Helen reassumiu o controlo da conversa, mas num tom mais brando.

— Não penses que és a primeira, Amy. A apaixonar-se por um tipo simpático que afinal era sádico e violento. A culpa não é tua, ninguém está a julgar-te, e se conseguires explicar-me o que aconteceu, o que correu mal, juro que posso ajudar-te. Ele agrediu-te? Houve mais gente envolvida? Porque é que ele te levou até ali?

Nada. Pela primeira vez, a impaciência apoderou-se do tom de voz de Helen.

— Há duas horas tive de dizer à mãe do Sam que ele foi assassinado. Aquilo de que ela precisa, aquilo de que os irmãos e irmãs mais novos do Sam precisam, é alguém que possam responsabilizar por isto. E neste momento és a única pessoa que encaixa no perfil. Por isso, pelo teu próprio bem, tal como pelo deles, deixa-te de tretas e diz-me a verdade. Porque é que o fizeste, Amy? Porquê?

Seguiu-se um longo silêncio. Depois Amy olhou para cima, com um olhar brilhante por entre as lágrimas.

— Ela obrigou-me.

8

— **E**ntão, chefe, o que te parece?
Pela primeira vez na vida, Helen não soube como responder. Sim ou não, culpado ou inocente, Helen Grace sempre teve resposta a dar. Mas não agora. Aquilo era algo diferente. Toda a sua experiência dizia-lhe que Amy mentia. A história do rapto era suficientemente louca, mas o facto de o autor ser uma mulher solitária era um argumento decisivo. Mulheres assassinas matam os maridos, os filhos ou pessoas que têm ao seu cuidado. Não se dedicam a raptar estranhos nem optam por cenários de alto risco como o que foi descrito por Amy, onde eram ultrapassadas em número pelas vítimas. Mesmo que aquela o tivesse feito, como é que tinha força para levar dois adultos de uma carrinha para uma piscina de saltos? Helen estava mais do que tentada a acusar Amy. Talvez quando tivesse de se confrontar com uma acusação de homicídio revelasse finalmente a verdade.

Contudo, por que motivo haveria ela de inventar tal história a não ser que fosse verdade? Amy era uma rapariga esperta e equilibrada, sem historial de doenças mentais. O seu testemunho revelara-se sempre claro e consistente. A descrição da «raptora» fora precisa — cabelo louro escuro cortado à escovinha, óculos de sol, unhas curtas sujas — e mantida religiosamente. Até em relação aos pormenores, como o facto de puxar excessivamente pelo motor nas velocidades mais baixas. E era notório que ela amava — amava mesmo — Sam e que estava arrasada com a sua morte. Toda a gente os descreveu como inseparáveis, duas metades de

um todo. Conheceram-se na Universidade de Bristol e depois ambos se candidataram a um mestrado em Ciências para poderem manter-se juntos, adiando a entrada no mercado de trabalho e uma possível separação. Não tinham muito dinheiro, mas durante o tempo que passaram juntos andaram à boleia por todo o país, raramente indo de férias com terceiros.

Os técnicos forenses ligaram-na à arma, pelo que não houve dúvidas de que foi ela a fazê-lo, mas também confirmaram a história dela relativa ao cativo. O estado físico deles — o cabelo, as unhas —, assim como os dejetos humanos no tanque, tudo sugeria que teriam estado ali pelo menos durante duas semanas antes de ela o ter matado. Teriam perdido a esperança e tirado à sorte? Feito um acordo?

— Porquê ele e não tu?

Amy voltara a ir-se abaixo, mas Helen insistira com a pergunta. Amy lá acabou por conseguir falar.

— Porque ele me pediu.

Um gesto de amor, portanto. Um autossacrifício. Que raio de coisa para se ter a pesar na consciência... se fosse verdade. E era isso que estava a incomodá-la: a evidência de que Amy estava destruída pelo sucedido. Não apenas traumatizada. Estava destruída, a implodir sob o peso da culpa. Era uma sensação que Helen conhecia demasiado bem, independentemente de tudo o que pudessem sentir em relação a Amy. Talvez tivesse sido demasiado dura com aquela jovem vulnerável.

Não podia ser verdade. Porque é que alguém haveria de fazer uma coisa como aquela? Que raio tinham eles — «ela» — a ganhar? Nem sequer lá estava para ver, segundo relatou Amy; por isso, qual era o interesse? Não podia ser verdade, e, ainda assim, quando Helen respondeu à pergunta muito direta de Mark, deu por si a dizer:

— Acho que ela está a dizer a verdade.

9

Ben Holland odiava a sua viagem semanal a Bournemouth. Para ele, não fazia sentido, era um dia perdido. Mas a empresa era inflexível na pretensão de que os funcionários dos seus diversos escritórios se encontrassem pessoalmente; por isso, uma vez por semana, Ben e Peter (Portsmouth) partilhavam sanduíches e café com Malcolm e Eleanor (Bournemouth) e Hellie e Sarah (Londres). Deveriam discutir as questões mais importantes da lei marítima, litígio bancário e autentificação internacional — antes de começarem a falar mal dos respetivos clientes. Por vezes, era ligeiramente informativo, até dava para divertir, mas, assim que se fazia contas à duração das viagens de ida e volta até Portsmouth, tudo parecia uma colossal perda de tempo.

Aquela estava a revelar-se ainda pior do que o costume. Como era habitual, Ben dera boleia a Peter de e para a reunião em Bournemouth, permitindo ao seu colega mais velho que bebesse ao almoço. Peter era um associado com mente ágil e um bom registo de resultados. Era também grosseiro, repetitivo e sofria de mau cheiro corporal. Já era suficientemente mau estar numa sala de reuniões com Peter. Agora, Ben estava enfiado no carro com ele por mais de duas horas. Pelo menos assim teria sido, se não tivesse ficado sem gasolina.

Ben pegou no telemóvel, a praguejar entredentes. Consternado, arregalou os olhos.

— Não tem rede.

— O quê? — reagiu Peter.

— Não tem rede. E o teu?

Peter verificou o seu telemóvel.

— Nada.

Um longo silêncio.

Ben esforçou-se por conter a raiva. Que mal tinha ele feito para estar ali, no meio de New Forest, com Peter, com a noite a anunciar-se? Ben enchera o depósito na estação de serviço da Esso logo à saída de Bournemouth (a gasolina lá era mais barata), e, ainda assim, nem uma hora depois o depósito ficara vazio. Não deu crédito à luzinha do combustível quando esta se acendeu e tinha a certeza de que a gasolina deveria dar pelo menos para chegar a Southampton. Mas, pouco depois de a luz de aviso ter piscado pela primeira vez, o carro deteve-se de repente. Às vezes, a vida podia ser muito madrasta. Teriam de ir a pé até uma estação de serviço? Passar a noite juntos!

— Seguro com serviço de platina, para quê? — questionou Peter, solidário.

Ben olhou para cima e para baixo para a pequena rua no bosque. Peter não estava a dizê-lo, mas fora ideia de Ben cortar caminho por New Forest. Ele fazia sempre isso, evitando a M27 em redor de Southampton ao utilizar um atalho pouco conhecido que o levava a Calmore, mas hoje virara-se o feitiço contra o feiticeiro. Ben tinha a sensação de que isso iria ser mencionado, mas apenas quando o contratempo fosse resolvido. Peter iria aproveitar bem a situação. Estava apenas à espera da altura ideal.

— Vais tu a pé ou trato eu disso? — questionou Peter.

Era uma pergunta retórica. Imperava a regra da antiguidade, e, além disso, Peter tinha «joelhos com problemas». Portanto, Ben não teve escapatória. Olhando para o mapa, viu que havia algumas casas de campo de férias a uns dois ou três quilómetros dali. Talvez, caso se apressasse, conseguisse lá chegar antes de ficar demasiado escuro.

Levantou a gola para se proteger do frio, assentiu com a cabeça na direção de Peter e iniciou a marcha penosa pela estrada fora.

— *We'll meet again...* — cantarolou Peter. *Parvo*, pensou Ben.

Mas então, de repente, um golpe de sorte. No crepúsculo, Ben distinguiu dois pontinhos de luz. Estreitou os olhos. Era mesmo, sem dúvida. Faróis. Pela primeira vez nesse dia, Ben sentiu o corpo a relaxar. Afinal, Deus existia. Acenou vigorosamente, mas a carrinha já estava a abrandar para prestar ajuda.

Graças a Deus, pensou Ben. A salvação.

10

Diane Anderson já não via a filha há mais de três semanas. E naquele momento também não estava a vê-la, apesar de Amy estar colada ao seu peito num abraço sufocante. Tinham-na limpo no hospital — um duche e uma lavagem ao cabelo —, mas ainda não parecia Amy.

A atraente agente da polícia, Charlie, acompanhara-as a casa. Disse que era para ajudar Amy, para que se sentisse segura ao regressar ao mundo lá fora, mas ela era uma espia. Diane tinha a certeza disso. Estava ali para esperar, observar e relatar. A sua filha ainda não estava livre. Os dois agentes de uniforme parados à porta não deixavam dúvidas quanto a isso. Estavam ali para protegê-la ou para impedir que fugisse? Ainda assim, pelo menos afugentavam a comunicação social. Uma repórter do pasquim local conseguira gritar pela ranhura do correio, perguntando nos termos mais rudes o que levava Amy a matar o namorado. O facto de a jornalista ser jovem só piorou as coisas. O que se passava com aquela gente?

«A Amy alvejou o Sam.» Fora nesses termos que a mais implacável — a inspetora-detetive Grace — pusera as coisas. Não fazia qualquer sentido. Amy nunca dispararia sobre ninguém, muito menos contra Sam. Nunca pegara sequer numa arma. Aquilo não era os Estados Unidos.

Ela voltara-se para o marido, Richard, na esperança de que ele corrigisse a polícia, que esclarecesse as coisas, mas o rosto dele era um espelho do dela: puro espanto. Por momentos, ela

foi percorrida por um acesso de raiva (Richard nunca estava presente quando era efetivamente preciso), antes de se levantar e mais uma vez enfrentar o amargo presente. Amy amava Sam. Em muitos momentos idílicos, Diane pensou em como seria se — quando — eles se casassem. Sempre assumira que Amy seguiria as práticas modernas e iriam morar juntos sem se casarem. Porém, Amy surpreendera-a ao confidenciar-lhe que fazia questão de dar o nó quando chegasse a altura certa. Mas, como era típico de Amy, teria de haver algo diferente. Não havia hipótese de se vestir de branco e estava determinada a que fosse Diane a acompanhá-la ao altar, e não o pai. Alinharia Richard naquilo? As outras pessoas iriam gostar ou achariam estranho? Com um sobressalto, Diane constatou que estava a sonhar acordada. Com um casamento que nunca iria acontecer.

Nada daquilo fazia sentido. Sam não era violento nem agressivo, por isso não podia ter sido em autodefesa. A inspetora-detetive Grace revelara-se furiosamente carrancuda em relação ao sucedido: «É melhor que a Amy lhe conte quando achar adequado.» Mas Amy não proferira uma palavra. Estava muda. Diane tentou que ela se abrisse, preparando-lhe batidos de malte, oferecendo-lhe bolinhos em miniatura (um prazer de infância), enchendo o quarto que agora partilhavam com todos os seus brinquedos e bibelôs antigos. Mas nada daquilo resultara. Por isso, ficaram ali sentados, um trio extremamente tenso. Charlie na ponta do sofá, a tentar não derramar o chá, Diane a servir mais bolos indesejados e Amy a olhar para o vazio, uma versão recatada da rapariga vibrante que em tempos fora.

Era uma emboscada. A mulher estava à espera e atacou assim que Helen saiu do carro.
— Tem uns minutos, inspetora?

O coração de Helen afundou-se. Já estava a começar.

— Prazer em vê-la, Emilia, mas, como pode ver, estou muito ocupada.

Helen seguiu em frente, mas um braço deteve-lhe a marcha. Helen lançou-lhe um olhar fulminante — *A sério?* —, e a sua adversária percebeu a deixa, pelo que largou lentamente o braço.

Imperturbável, Emilia Garanita exibiu um amplo sorriso. Tinha uma figura impressionante: vigorosa e elegante, mas também destrocada e desfigurada. Em adolescente arrasava corações, mas quando tinha apenas 18 anos fora vítima de um terrível ataque com ácido. Vendo o perfil dela a partir da esquerda, era bela e atraente. Da direita, sentia-se somente pena: as feições desfiguradas, o olho artificial imóvel. Era conhecida na zona como *A Bela e o Monstro* e era a repórter-chefe de Crime do *Southampton Evening News*.

— O caso Amy Anderson. Sabemos que o matou, mas não sabemos porquê. O que é que ele lhe fez?

Helen tentou dissimular o seu desprezo; tinha a certeza de que fora Emilia a gritar através da ranhura do correio de casa dos Andersons, mas não seria inteligente antagonizar a imprensa numa fase tão precoce de uma investigação.

— Foi alguma coisa sexual? Ele batia-lhe? Procuram mais alguém? — insistiu.

— Já conhece o procedimento, Emilia. Assim que tivermos algo para contar, o departamento de ligação aos *media* entra em contacto. Agora, se me dá licença...

— Estou apenas curiosa por tê-la libertado. Nem sequer necessitou de fiança. Por norma, fá-los transpirar um pouco mais antes disso, não é?

— Nós não fazemos ninguém «transpirar», Emilia. Já sabe que sou uma rapariga que segue as regras. E é por isso que toda a comunicação com a imprensa será pelas vias habituais, OK?

Helen mostrou o seu melhor sorriso e seguiu o seu caminho. Vencera a primeira escaramuça daquilo que viria a ser, sem dúvida, uma longa campanha. Emilia tinha o crime a correr-lhe nas veias. A mais velha de seis filhos, tornou-se famosa quando o seu pai, um traficante, foi condenado a 18 anos de prisão por utilizar os filhos como correios de droga. Desde que eram pequenos, Emilia e os cinco irmãos foram obrigados a engolir preservativos de cocaína quando regressavam às docas de Southampton vindos dos muitos cruzeiros que faziam às Caraíbas. Quando o seu pai, português, foi para a prisão, os chefes dele tentaram obrigar Emilia a regressar à vida de correio de droga para que os ajudasse a recuperar as perdas. Ela recusou, por isso castigaram-na: dois tornozelos partidos e meio litro de ácido sulfúrico no rosto. Ela escreveu um livro sobre o assunto que acabou por encaminhá-la para o jornalismo. Tirando o facto de ainda coxear, não temia ninguém e era incansável no que tocava a perseguir uma história.

— Incomode sempre que quiser — gritou Emilia enquanto Helen entrava apressadamente na morgue da polícia.

Helen sabia que a vida acabara de se complicar um pouco. Mas agora não tinha tempo para pensar nisso.

Tinha um encontro marcado com um cadáver.

DOIS REFÊNS. UMA BALA. UMA DECISÃO TERRÍVEL. SACRIFICARIA A SUA VIDA PELA DE OUTRA PESSOA?

Uma jovem rapariga surge dos bosques após sobreviver a um rapto aterrador. Cada mórbido pormenor da sua história é verdadeiro, apesar de incrível. Dias mais tarde é descoberta outra vítima que sobreviveu a um rapto semelhante.

As investigações conduzem a um padrão: há alguém a raptar pares de pessoas que depois são encarcerados e confrontados com uma escolha terrível: matar para sobreviver, ou ser morto.

À medida que mais situações vão surgindo, a detetive encarregada deste caso, Helen Grace, percebe que a chave para capturar este monstro imparável está nos sobreviventes. Mas a não ser que descubra rapidamente o assassino, mais inocentes irão morrer...

Um jogo perigoso e mortal num romance de estreia arrebatador e de arrasar os nervos, que lembra filmes como *Saw — Enigma Mortal* e *A Conspiração da Aranha*.

Conheça a série *Helen Grace*:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-596-305-8



9 789895 963058